



# Reminiscências de um tempo escolar. Memórias do professor Coruja<sup>1</sup>

Reminiscences of school days. Professor Coruja memories

Maria Helena Camara Bastos  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## Resumo

Conhecer a educação ministrada em uma cidade, em uma determinada época, nos coloca frente a inúmeros pontos de observação da temática. Escolhemos pesquisá-la na perspectiva da vida e da obra do professor Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), especialmente o livro de memórias – *Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre*, em que se encontram referências significativas sobre sua vida de estudante na capital da província do Rio Grande do Sul. O estudo traça um retrato do ensino e da escola em Porto Alegre (RS), na primeira metade do século XIX, a partir da reflexão sobre as memórias do professor Coruja – observador “afetuoso” de sua cidade, mas com senso crítico –, que entrecruza o cotidiano da cidade com suas recordações do tempo de estudante, trazendo o passado ao presente, impedindo seu esquecimento e permitindo a nós leitores do século XXI distintas maneiras de constituir um sentido para o texto.

Palavras-chave: Memórias de aluno. Escola. Século XIX. História da educação.

## Abstract

In order to know about the education manage in a city at a established time makes us face innumerous points of observation on the theme. We chose the perspective from the life and work of professor Antonio Alvares Pereira Coruja (1806-1889), especially his memoirs – *Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*, in which there are significant references to his life as a student in the capital of the province of the Rio Grande do Sul. The study allows us to picture the teachings and the schools in Porto Alegre (RS) in the first half of the 19<sup>th</sup> century, from the reflections within the memoirs of professor Coruja – an affectionate observer of his city, but in a critical sense –, that links the daily life of the city with the memories of his school days, bringing the past to the present, allowing readers from the 21<sup>st</sup> century to have many different ways of interpreting the text.

keywords: Student memories. School. 19<sup>th</sup> century.



*Antonio Álvares Per. Coruja.*

Foto que ilustra o Compendio da Orthographia da Língua Nacional  
(Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1848).



## Introdução

Tentar conhecer a educação ministrada em uma cidade, em uma determinada época, nos coloca frente a inúmeros pontos de observação da temática. Escolhemos pesquisá-la na perspectiva da vida e da obra do professor Antonio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), especialmente o livro de memórias – *Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre* (1881[1996]), em que se encontram referências significativas sobre sua vida de estudante na capital da província do Rio Grande do Sul. O livro *Antigualhas* compõe-se de várias séries, a primeira publicada em 1881 (34 páginas) e as demais entre 1883 e 1890.

Professor de escola pública, professor particular, professor de Gramática Latina, fundador do Colégio Minerva (Rio de Janeiro), autor de livros didáticos, pesquisador da história, organizador de associações civis, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o estudo permite traçar um retrato do ensino e da escola em Porto Alegre/RS, na primeira metade do século XIX, a partir da reflexão sobre as memórias do professor Coruja – observador “afetuoso” de sua cidade, mas com senso crítico –, que entrecruza o cotidiano da cidade com suas recordações do tempo de estudante, trazendo o passado ao presente, impedindo seu esquecimento e permitindo a nós leitores do século XXI distintas maneiras de constituir um sentido para o texto. (FRANCO, 1996, p. 10).

Os processos memorativos estão relacionados a campos de significação na vida do sujeito que recorda. O relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu – em que se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global –, são fontes primordiais para a compreensão de uma época e, fundamentalmente, para a história da educação. É importante para a investigação educacional o trabalho com memórias de professores. Existe um imenso filão para ser explorado na perspectiva da história da escola, da leitura, de vivências escolares, a partir tanto de livros de memórias de outros atores sociais como da literatura. As práticas memorialistas são tomadas como objeto de pesquisa, revelando distintos modos de vida e sociabilidades.

Para Klein (2004, p. 4), as crônicas memórias, situando-se num espaço de fronteira, são consideradas um gênero menor na História e na Literatura<sup>2</sup>, mas constituem uma fonte privilegiada para recuperar a história sob o ponto de vista das pessoas comuns: “as crônicas memorialísticas de Coruja, correspondendo a uma consciência do passado como uma preocupação social do período, mantinham a cidade que desaparecia, no presente dos porto-alegrenses. Ao gerar sentimentos, sensações, e ao divertir, seus textos ajudam a compreender, no plano simbólico, a história da cidade sob um ponto de vista que é muito difícil de ser recuperado devido à sua complexidade e à carência de fontes.” (KLEIN, 2004, p. 19).

A literatura, considerada como um dispositivo pedagógico, permite entrever os enunciados discursivos de um tempo e espaço, as representações sociais e o imaginário de atores sociais, reais e ficcionais. Literatura e leitura se cruzam na experiência cultural e no fazer historiográfico. Assim, historicizar a obra literária é, para o historiador, inseri-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social e desvelar a maneira como constrói ou representa sua relação com a sociedade e a cultura. (CUNHA; BASTOS, 2001, p. 201).

160 O autor de uma narrativa literária cria um “efeito de verdade – a verdade está no fim de uma procura que é uma ascese social e moral.” Isto é, a verdade procede do íntimo, o que garante o seu reconhecimento por parte do sujeito. O historiador, como leitor dos documentos literários, “produz” o seu sentido e essa produção se dá como resultado de sua inserção social e cultural, movido por certos objetivos e expectativas. Para Goulemont,

[...] devemos perguntar sobre a produção dos modos de leitura pelos próprios textos. Com seu processo de escritura, cada texto inventa um leitor fictício ao qual interpela e convoca. É uma evidência que essas sociabilidades de leitura inscritas nos livros dependem do debate entre privado e público nas práticas de leitura. (GOULEMONT, 1986, p. 395).

Contos<sup>3</sup>, crônicas<sup>4</sup>, romances<sup>5</sup> – são fontes de valor inestimável para o historiador, especialmente o historiador da educação, consciente das questões de ficção literária e verdade histórica. Os escritores, geralmente, refletem imagens e representações do universo escolar vivido: todos passaram pela escola, alguns deles são filhos de professores ou foram professores. O quadro



que fazem da escola e de suas vivências oscila, muitas vezes, entre um pacto com a sinceridade, marcado por rancores pessoais, ou uma reflexão de ordem intelectual. Goulemont (1986, p. 375) afirma ser possível identificar nas obras literárias os deslocamentos, as tensões e os conflitos que perpassam o discurso, em geral, e o educacional, em particular.

Coruja, preocupado com a questão da fidedignidade dos fatos relatados e buscando preservar-se, inicia suas reminiscências com a espirituosa epígrafe – *Honni soit qui mal y pense* –, que tem tradução livre – “Não pense alguém que o que aqui vai escrito leva água no bico”. Com essa observação, o autor previne o leitor de que o que vai ler não expressa necessariamente a verdade dos fatos, mas a sua versão. Em uma passagem ao longo do texto, mais uma vez previne o leitor para possíveis erros ou omissões – “desde já peço desculpa a quem nele encontrar anacronismo ou falta de coevidade (deixe passar o tempo), pois não é meu fim fixar datas.” (CORUJA, 1996, p. 27).

A Porto Alegre, que Coruja viveu na infância e adolescência, era uma pequena cidade de doze mil habitantes. E na época da publicação das suas reminiscências, tinha quarenta mil habitantes e alcançara melhoramentos significativos, como iluminação a gás, o bonde de tração animal e o trem até Novo Hamburgo. (FRANCO, 1996, p. 10).

Franco (1996, p. 9) afirma que a primeira série de “*Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre*”, correspondente ao capítulo 1, originalmente publicada em forma de folheto em 1881, com 34 páginas, na Tipografia do Jornal do Comércio de Porto Alegre. Posteriormente, publicou outras séries (1883-1884, 1886-1890), primeiro na Gazeta de Porto Alegre, dirigido por Carlos Von Koseritz e depois no Anuário da Província do Rio Grande do Sul, dirigido por Dr. Graciano Alves Azambuja.

Para Houaiss (2002), a palavra “antigualha” significa monumento ou objeto de época antiga e que apresenta interesse histórico; costume, maneira de trajar, de falar dos tempos antigos; notícia sobre fato ocorrido em tempos antigos; ou, pejorativamente, objeto antigo e de baixo valor; velharia. Coruja utilizou a expressão querendo abarcar todos esses significados para suas memórias, escritas quase cinquenta anos depois de deixar a cidade que viveu por trinta anos, entre 1806 e 1836: “já que se trata de antigualhas, é

preciso não esquecer certos tipos de atualidade, e de que muita gente ainda se lembrará.” (CORUJA, 1996, p. 33).

## O autor: Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889)

Klein (2004, p. 32), com base nas várias biografias<sup>6</sup> de Coruja, que considera que “invariavelmente destacam a dupla dimensão tragédia/sucesso de sua vida com ênfase na sua trajetória profissional”, divide sua análise biográfica em três aspectos – Coruja e a escola: aluno, professor, escritor de livros didáticos e dono de escola; Coruja e o mundo da política e dos negócios: político, administrador, financeiro, banqueiro; Coruja historiador, cronista e memorialista. Neste estudo, interessa particularmente o primeiro aspecto, sem desconsiderar que os três estão intimamente ligados.

Antônio Álvares Pereira Coruja nasceu em 31 de agosto de 1806, em Porto Alegre, filho de pais pobres, e morreu em 4 de agosto de 1889, no Rio de Janeiro, em extrema pobreza vivendo em “repúblicas” de estudantes gaúchos. Temos conhecimento de um irmão – Joaquim Antonio Pereira Coruja – que também foi professor de primeiras letras em Porto Alegre<sup>7</sup>. foi casado com Catarina Lopes Coruja, que no Rio de Janeiro fundou uma escola para meninas, em 1841, na rua da Assembléia, n. 88, fechada em 1849<sup>8</sup>. O casal não teve filhos, mas adotou um, que recebeu o mesmo nome do pai, mais tarde sendo conhecido como Comendador Coruja, nome de rua em Porto Alegre.

Estudou as primeiras letras nas aulas primárias públicas de Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto<sup>9</sup>, nos anos 1811 e 1812, e de Antônio D’Ávila, o Amansa Burro<sup>10</sup>.

Para ajudar a família, foi ser sacristão da Igreja Nossa Senhora Madre de Deus<sup>11</sup>, onde granjeou a estima do vigário geral, Padre Tomé Luis de Souza, com quem aprendeu latim<sup>12</sup> a partir de 1816, aos nove anos de idade. Foi nas aulas do Padre Tomé que recebeu a alcunha de “Coruja”, que incorporou ao nome da família. Sobre esse evento escreveu:

Em 1816, na aula do padre Tomé eram discípulos mais adiantados Antonio Fernandes Chaves, Cândido Batista de Oliveira, José Moreira de Menezes e Manoel Francisco da Costa, seguindo-se-lhes Marcos Alves, o *Cabo Regente*, o padre Francisco de

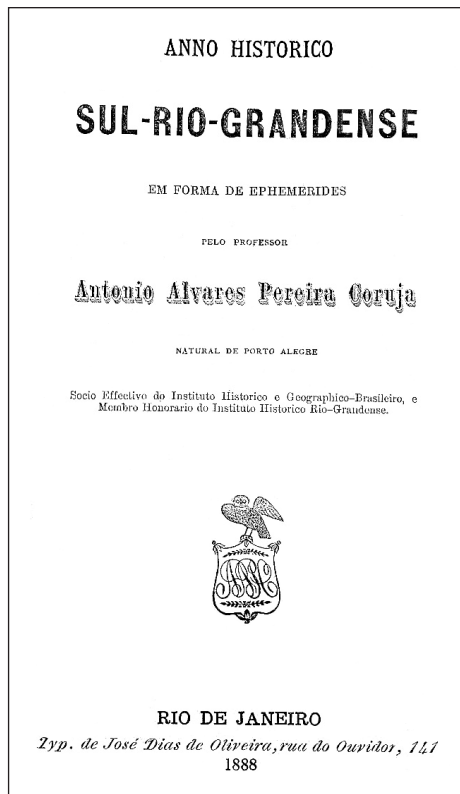


Paula Macedo e outros segundo ordem de adiantamento. Tinha de entrar para ali um menino de nove anos e meio, pois nascera em agosto de 1806, e estávamos em fevereiro de 1816. Tinha sido discípulo da poetisa Maria Josefa, e depois também do *Amansa*, e aprendido a ajudar a missa com o padre Sanhudo. Seus pais para sua estréia tinham-lhe mandado fazer uma caquita de pano mescla, cor da pele do diabo ou cor de burro quando foge. Ao apresentar-se na aula pela primeira vez com este fato novo, gritou logo o Cândido Batista lá do seu banco da direita: *Olhem, parece mesmo uma coruja*. E como Coruja foi proclamado pelo Cabo-Regente, e como Coruja foi aclamado por toda a assembléia *latinante*: e Coruja ficou, e [...] *pegou*. (CORUJA, 1996, p. 88-89).

Outro fato, relatado por ele, também contribuiu para a incorporação do apelido *Coruja* ao próprio nome:

Este menino continuou a estudar, cresceu e fez-se homem. Era afilhado de José Manoel Afonso (pai do senhor Luís Afonso de Azambuja), o que era muito sabido porque em terra pequena tudo se sabe. José Manoel, depois de ter sido tesoureiro de ausentes em Porto Alegre, mudara-se para o *outro lado*, onde tinha um outro afilhado que também se chamava Antônio Alves Pereira, e ao mesmo tempo tinha um *bom vizinho*, a quem se viu obrigado a escrever uma carta que pelo resultado devia ser não só salgada como apimentada, sendo dela portador o seu dito afilhado, do outro lado. O seu bom vizinho em vez de responder-lhe em carta particular, o fez pela imprensa dirigindo-lhe pelos jornais de Porto Alegre mil impropérios, entre os quais se liam as palavras seguintes: 'É quem havia de ser o portador dessa célebre carta? O seu célebre e bem conhecido afilhado Antônio Alves Pereira.' À vista disto o homônimo *deste lado*, para não haver confusões, desde esse dia, ou antes da noite desse dia, já na ata da Sociedade do teatrinho, de que era secretário, ao subscrevê-la, começou e daí em diante continuou até hoje a assinar-se como abaixo se vê. (CORUJA, 1996, p. 88).

Coruja também faz uma escolha identitária ao adotar o desenho de uma coruja com as letras de seu nome como sua marca, a qual vinha impressa nos seus livros didáticos. (KLEIN, 2004).



Também estudou Filosofia Racional e Moral com o Padre João de Santa Bárbara, presbítero do hábito de São Pedro, nos anos de 1821, 1823 e 1824, tendo completado o curso com grande aproveitamento (SCHNEIDER, 1993).<sup>13</sup> Simultaneamente estudou francês e cantochão. Coruja explica que como se dedicava aos estudos eclesiásticos foi aprender cantochão com o padre Batista, tendo em 1827, salmeado e lamentado na Semana Santa, da cidade de Rio Grande; tendo feito demonstrações na Semana Santa de 1828, em Santo Amaro, e em 1829, em Taquari. Sobre as aulas de francês diz que, não havendo aula de francês, aprendeu a troco de lições de latim com um condiscípulo do Rio de Janeiro. Da mesma forma, aprendeu música, com outro de quem era "paracleto"<sup>14</sup> também em latim."

Com esses estudos, começou como professor primário particular. Sobre o início de carreira, em Porto Alegre afirma que:





[...] com esse preparo e a sombra protetora do padre Thomé, foi nomeado para reger uma escola pública, pondo-se, desde logo, em destaque pela sua inextinguível solicitude e carinhoso amor ao ensino. E como tinha apego ao trabalho, ainda à noite, que devia consagrar ao descanso, como quase todos o fazem, lecionava particularmente. (CORUJA, 1996, p. 141).

Em 18 de dezembro de 1825 firmou contrato com o Conselho da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, pelo qual se comprometia ir ao Rio de Janeiro habilitar-se na prática do método mútuo<sup>15</sup>, para, posteriormente, assumir a primeira escola de ensino mútuo da Província. O contrato assinado estabelecia que se dispusesse ir à Corte do Rio de Janeiro, onde se “doutrinária” no método lancasteriano, para por este método ensinar a mocidade; que não empregaria mais tempo em instruir-se, do que dez meses, contados desde o dia em que sair desta cidade até a ela retornar; que receberia por mês, para todas as despesas concernentes, quarenta mil réis; que se comprometia a ministrar curso de primeiras letras pelo método lancasteriano por um tempo sucessivo de quatro anos, percebendo o ordenado equivalente aos mestres de primeiras letras. Mestres que se atualizassem no método receberiam 100 mil réis a mais do que os que se conservassem presos ao método antigo. (LESSA, 2002, p. 33).

Antônio Álvares Pereira foi nomeado professor de ensino mútuo, a 10 de março de 1827, e abriu a escola pública pelo método lancasteriano em 2 de agosto do mesmo ano, escola que ficou conhecida como “Casa Queimada” (KRAEMER NETO, 1969, p. 111), situada na rua da Graça. Segundo Porto (1944, p. 60), a escola dispunha de grande quantidade de livros didáticos para venda. O *Mensageiro*, de 26 de janeiro de 1836, tem um anúncio de Coruja em que oferta os livros: *Syntaxe de Dantas*; *Dicionários franceses da Academia*; obras grandes de Eutrópio, Horácio e Phedro; *Gramática Latina do P. Antonio Pereira*; *Dicionários de Moraes*; *Magnun Lexicon Latino*; seis volumes da *Coleção das Leis do Brasil*; *Dicionário Geográfico Vosgien*; dois volumes do *Teatro Eclesiástico*; *Compêndios da Gramática Nacional*.

Várias “representações” apresentadas pelo professor Coruja à administração provincial demonstram algumas dificuldades enfrentadas pela escola, por exemplo, a necessidade de contratação de um professor adjunto, que o ajude e o substitua em seu impedimento; de compra de exemplares de leitura impressos e os utensílios necessários. (SCHNEIDER, 1993, p. 25-

26). A insatisfação também era causada pelo exercício de outras funções, pois os professores públicos tinham ao seu cargo a propagação da vacina antivariólica, recebendo para a realização da tarefa uma gratificação, o que demandava tempo e, muitas vezes, sobrepujava suas tarefas normais. É interessante ver que muitos anos depois as questões ligadas à vacina ainda eram mote de suas preocupações com o falar e o escrever. Assim, em uma crônica de 1884, com subtítulo – Uma lição de lingüística –, expressa suas dúvidas sobre a expressão correta para usar:

[...] desde tempos imemoriais sempre se disse ‘inocular a bexiga’; depois também se disse ‘inocular a vacina’, e por abreviatura se inventou o nome *vacinar*, que corresponde a inocular vacina. Os senhores médicos do Rio de Janeiro inventaram a frase ‘vacinar o micróbio.’ *A Folha Nova*, de 8 de janeiro (1884), atendendo aos justos termos, já escreveu *inocular o micróbio*. Ora, não sendo a questão médica e sim filológica, eu a entrego aos senhores filólogos para a discutirem e resolverem; todavia sempre direi que *vacinar o micróbio* tem muita analogia com *limonada de caju* ou *cajuada de limão*. (CORUJA, 1996, p. 63).

166

Em 26 de abril de 1831, Antônio Álvares Pereira candidatou-se à cadeira de Gramática Latina, apresentando os documentos necessários – atestado do secretário da Câmara Municipal de Porto Alegre de que havia jurado a Constituição Política do Império; atestado do Juiz de Paz sobre sua conduta e gozo dos direitos políticos; atestado dos escrivães do Geral Juízo sobre inspeção de culpas – prestou exame no dia 31 de abril de 1831 e foi aprovado. É interessante registrar a solicitação de esclarecimentos feita, em dezembro de 1832, ao presidente da Província – Manoel Antonio Galvão – sobre seu período de férias da escola de Gramática Latina, pois não conhecia estatuto algum que regulasse as férias das escolas de Gramática Latina nas províncias do Brasil e, tendo consultado a legislação portuguesa de 1759, a única que pode obter, não viu nela aplicação prática possível devido à diferença das estações do ano. Em 1835, candidata-se à cadeira de professor de Filosofia Racional e Moral, tendo sido aprovado e obtendo “a provisão” em 24 de abril de 1835. (SCHNEIDER, 1993, p. 33-37).

Com a criação da Assembléia Legislativa Provincial, por força do Ato Adicional de 1834, as eleições para a primeira legislatura têm Coruja como candidato. Foi eleito como suplente de deputado, sendo chamado



para assumir em dezembro de 1835, momento conturbado, porque já havia sido deflagrado o movimento conhecido como Revolução Farroupilha (1835-1845). Coruja aliou-se ao partido dos insurgentes, prestigiando o vice-presidente rebelde Marciano Ribeiro e opondo-se à posse de José Araújo Ribeiro. Depois da tomada de Porto Alegre pelos legalistas, foi preso de junho a novembro de 1836, primeiro num quartel, depois no barco Presiganga e, posteriormente, no Rio de Janeiro. No início de 1837, fugindo à reação dos "caramurus", resolveu transferir-se com a família para o Rio de Janeiro, residindo no Município da Corte até sua morte, não retornando mais à sua cidade natal. (FRANCO, 1996, p. 8).

Coruja foi maçom<sup>16</sup>, tendo pertencido à loja Maçônica Filantropia e Liberdade, criada em 1831, acobertada com o nome de "Gabinete de Leitura da Sociedade Continentina." Também foi redator do Jornal Compilador de Porto Alegre (1831), jornal maçônico que defendia idéias liberais. (KLEIN, 2004, p. 58). Em suas reminiscências de Porto Alegre (1881) informa ao leitor "um acontecimento de que muita gente se há de admirar por ser coisa pouco sabida", refere-se à criação em 1831 da primeira Loja Maçônica em Porto Alegre,

[...] na rua do Rosário entre a da Ponte e a de São Jerônimo nas casas de Graciano Leopoldino, com o título de 'Filantropia e Liberdade', que o povo chamou Marimbordina, os sócios marimbondos que a ela concorriam pretextavam o exercício da caridade e da beneficência; era porém engano manifesto, porquanto o que eles iam ali fazer era falar com o diabo; mas essa honra só cabia ao coronel Bento Gonçalves e Vitorino José Ribeiro, únicos que tinham o grau de Rosa Cruz, pois os outros em tais conferências só faziam o círculo com costas para o centro, virando as frentes para dentro somente quando já o diabo tinha desaparecido, deixando grande *fortum* que os fazia espirrar muito; e esta é que era a pura verdade. (CORUJA, 1996, p. 36).

Vivendo na Corte, Coruja destacou-se como proprietário do Colégio ou Liceu Minerva, em 1841, situado na rua da Quitanda, com internato e externato. Em 1856, transfere o colégio para o professor Franklin Teodoro de Castro Menezes, que o fechou definitivamente em 1862. A primeira referência a esse colégio encontra-se no "Pequeno Almanaque do Rio de Janeiro, para o ano de 1842" (p. 71) – "Antonio Álvares Pereira Coruja recebe

internos e externos e ensina os preparatórios para todas as Academias e Universidades do Império: contem seu edifício aula pública de Filosofia do Município da Corte, rua da Quitanda canto da Cadeia.” Também há publicidade do colégio nos *Almanaques Laemmert*, nos anos seguintes, informando que o Liceu Minerva, que além das primeiras letras, ensinava Gramática da Língua Nacional, princípios de religião e moral cristã e outras matérias. (PORTO, 1944, p. 63).

O discurso de posse de Jarbas A. Porto, na Academia Nacional de Medicina, faz uma preciosa e rara referência sobre o Liceu Minerva, segundo Klein:

João Vicente Torres Homem, filho do notável médico e professor de medicina [...] nasceu no Rio de Janeiro, em 1837, [...] cursou o primário no liceu Minerva e, como aluno externo, não se obrigava ao regulamento dos internos pelo qual havia de “banhar os pés às quartas e sábados e tomar banho geral uma vez por semana. (KLEIN, 2004, p. 56).

168 Em 1860, Coruja fundou a “Companhia de Seguros Feliz Esperança”, fechada logo em seguida; em 1879, cria a “Caixa Depositária Sociedade Glória do Lavradio”, que faliu em 1880, deixando-o em séria situação financeira. (KLEIN, 2004, p. 61).

Pertenceu a várias sociedades. Fundou em 1859 e foi presidente da Sociedade Rio-grandense Beneficente e Humanitária, que reunia no Rio de Janeiro, gaúchos que possuíam condições de ajudar com apoio financeiro aos conterrâneos chegados à Corte; prestou serviços à Sociedade Amante da Instrução<sup>17</sup>. Foi condecorado pelo Governo Imperial com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficialato da Ordem da Rosa.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, desde 19 de setembro de 1839, tendo sido durante 20 anos tesoureiro. Publicou vários artigos de história para a Revista do Instituto: *Coleção de Vocábulos e Frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1852)<sup>18</sup>, *A vida de José Bernardino de Sá depois de sua morte ou o processo Vila Nova do Minho, contendo as peças principais do processo propriamente dito Vila Nova do Minho, e precedido de um outro processo o do Dr. Manuel Jaques de Araújo Basto* (1856), *Algumas anotações às Memórias Históricas do Rio de Janeiro do Monsenhor José Pizarro de Araújo*



(1857), *Notas à Memória de Tte. Cel. José dos Santos Viegas* (1860), *Anno Histórico Sul-Rio-Grandense em forma de ephemerides* (1888).

Além dos artigos que escreveu para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicou as crônicas *Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre* (1881-1890), *Efemérides Rio-grandenses*.

As obras didáticas são: *Compêndio de Gramática da Língua Nacional* (1835), dedicado à Mocidade Rio-grandense, com sucessivas edições (1849, 1862, 1863, 1867, 1872, 1879); *Manual dos Estudantes de Latim*, dedicado à Mocidade Brasileira (1838, 1849, 1866 – 5ª edição); *Compêndio de Ortografia da Língua Nacional* (1848); *Manual de Ortografia da Língua Nacional* (1850, 1852); *Exercícios para meninos* (1850); *Aritmética para meninos, contendo unicamente o que é indispensável e se pode ensinar nas escolas de primeiras letras* (1852); *Lições de História do Brasil: adaptada à leitura nas escolas, contendo a Constituição Política do Império do Brasil*, que teve sete reedições (1855, 1857, 1861, 1866, 1869, 1873 e 1877); *Compêndio de Gramática Latina do Pe. A. Figueiredo* (1852); *Catecismo histórico-geográfico riograndense* (1886)<sup>19</sup> (TAMBARA, 2003, p. 83).

No Rio Grande do Sul, há várias referências à adoção de seus compêndios nas escolas elementares e no liceu:

- em 1854, a comissão recomenda para a aritmética, na escola para meninos, o seu manual *Aritmética para meninos*; para a gramática portuguesa o *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*;
- em 1859, o Conselho Diretor recomenda para o Liceu a adoção do *Manual dos Estudantes de Latim*;
- em 1869, o Regimento Interno para as aulas públicas do 1º e do 2º grau (artigo 100) recomendava a adoção do *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*, provisoriamente. (SCHNEIDER, 1993, p. 120, 181, 269).

O *Manual dos Estudantes de Latim* também foi adotado no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, nos programas de ensino para o ano de 1856 e 1858, na segunda e terceira série. (VECHIA; LORENZ, 1998).

## As crônicas memórias da escola

As crônicas memórias de Coruja da escola são fundamentalmente do período como aluno. Esse fato leva a um estranhamento do pesquisador, pois não foram objeto de suas recordações as atividades como professor de primeiras letras em uma escola de ensino mútuo, como professor concursado de Gramática Latina e, posteriormente, de Filosofia Racional e Moral, todas exercidas em Porto Alegre – centralidade de suas reminiscências.

A primeira memória de escola é publicada na primeira série de 1881 (1996, p. 15), em que fala sobre a fonte da Rua do Poço: “Para essa fonte ia todos os dias uma sentinela da guarda do palácio para impedir que os rapazes do *Amansa* matassem o solitário cágado que aí vivia; e que afinal, retirada a sentinela, morreu a pedradas”. A seguir, dá informações sobre o seu professor de primeiras letras Antonio D’Ávila:

*Amansa-Burros*, a quem por brevidade chamavam simplesmente *Amansa*, era um ilhéu de alta estatura, que diziam ter sido jesuíta, e se chamava Antônio Ávila; apesar de sua voz de estentor, e de seus contínuos gritos de *arriasno*, era o mais erudito professor daquele tempo, deitou muitos discípulos e muita gente boa se honrava disso. Também ensinava por casas particulares, e entre suas discípulas se pode contar a senhora viúva Caldwell e suas irmãs. (CORUJA, 1996, p. 15).

Em outra crônica, escrita em 1885, Coruja faz uma extensa descrição da imagem física do professor Antônio D’Ávila, da organização da sala de aula e de fatos cotidianos da escola, que muito bem ilustram a marca deixada por esse mestre:

[...] era de estatura mais que ordinária, corpo direito, mostrava ter sido magro quando moço pois era descarnado, rosto prazenteiro apesar de sua severidade, perna e pés compridos, usava sempre de botas pois não recordo de o ver de sapatos; também nunca o vi de casaca e sim de casacão preto e comprido, e menos de casaca de lilá, fazendo que não se adaptava às casacas daquele tempo, e somente aos fraques ou niasias. Nunca o vi acompanhar os discípulos quando iam ao Nosso Pai, tarefa essa incumbida ao decurião-mor que levava a cruz, fazendo ala adiante dos irmãos cantando o bendito, mas sem tochas. No meu tempo (1813-1816) a mesa do mestre era ao pé da porta



do interior; a arquibancada era de cinco ordens de assentos; e bem me lembro que assentando-me eu na segunda bancada, tinha junto de mim, na terceira, Manoel de Araújo Porto alegre, nunca ouvi que o *Amansa* tivesse no interior discípulos de latim, nem mesmo outra pessoa qualquer à exceção de uma negrinha que na ausência dele vinha às pressas mostrar a palmatória aos meninos com trejeitos para os fazer rir. (CORUJA, 1996, p. 96).

Visando compor a imagem do professor, Coruja faz um adendo à crônica informando os termos favoritos do *Amansa* – *madraço*<sup>20</sup> e *arr'asno*, utilizados para desqualificar os alunos. Continua sua crônica, informando ao leitor o futuro do professor D'Ávila e do fechamento de sua escola, causado por um episódio que envolveu um aluno:

[...] não morreu ensinando: alguns anos antes tendo necessidade de se despedir por certas travessuras a um menino de nome Antônio Pedro, e receando fazê-lo por pertencer à família de um maioral da terra, julgou de sua dignidade despedir de todos, ocupando-se em dar lições particulares, contando-se no número de suas discípulas as senhoras viúva Caldwell e a professora Dona Francisca, mãe do senhor primeiro-tenente Ernesto do Prado Seixas. De propósito omito os últimos cognomes do discípulo que deu causa ao fechamento da escola, porque depois conheci bom cidadão, bom marido, bom chefe de família e bom empregado público, que lá foi morrer em Alegrete. Dizia-se de Antônio D'Ávila que tinha sido noviço ou corista dos Jesuítas, de cuja expulsão então muito se falava. Todos os julgavam português da península, mas seis anos depois da sua morte tive ocasião de verificar que era ilhéu dos Açores. (CORUJA, 1996, p. 97).

171

Coruja refere-se à carta, recebida em 1830, da irmã do professor D'Ávila dirigida ao próprio solicitando notícias suas. Sobre esse evento da carta, faz o seguinte comentário: "carta que se eu pudesse prever que teria hoje necessidade dela, a teria guardado com o mesmo cuidado com que foi guardado o autógrafo dos primeiros anúncios de Antônio D'Ávila, bem digno de figurar nas prateleiras da nossa Biblioteca provincial." (CORUJA, 1996, p. 97).

Essa crônica de 1885 (1996, p. 97), termina com um precioso "P.S.", em que Coruja informa o honorário recebido pelo professor Antônio D'Ávila – duas patacas por mês –, enquanto a poetisa e professora de pri-

meiras letras Maria Josefa “se contentava com uma pataca só.” Sobre o valor de compra desse salário, Coruja declara: “Bons tempos esses em que se compravam ovos a três por dois vinténs, com dez réis de melado com água se tomava nas tavernas um bom refresco, e os pobres davam graças a Deus quando recebiam uma moeda de cinco réis!”

Em outras crônicas, Coruja preocupa-se em registrar alguns alunos do professor D’Ávila, especialmente aqueles que se tornaram figuras de destaque na sociedade porto-alegrense ou nacional:

Manoel de Araújo Pitangueira/Manoel José d’Araújo/Manoel d’Araújo Porto Alegre (1806-1879), pintor e poeta, que futuramente se tornaria Barão de Santo Ângelo: retirando-se para Lisboa, ali foi morrer a 30 de dezembro de 1879, deixando saudosos os amigos que lhe admiravam o gênio, e especialmente a este que o era da infância e cuja idade se diferia em três meses, que tantos vão de 30 de agosto a 29 de novembro do mesmo ano. (CORUJA, 1996, p. 63).

172 Coruja acrescenta ainda aspectos pitorescos sobre a personalidade do professor *Amansa*:

Todos os anos, na véspera de São José<sup>21</sup>, escondia-se para não dar sueto<sup>22</sup> aos rapazes a pedido do seu vizinho José Soares Pinto de Matos: dizem que se acastelava em casa de um outro vizinho, Fernando, relojoeiro (cuja família Torelly ainda existe), talvez para lhe papar algum dos bonitos gansos que ele criava no terreno alagadiço, sobre o qual depois Marcos Alves edificou. (CORUJA, 1996, p. 15).

Sobre a escola de Antonio D’Ávila, considerada a primeira escola particular de Porto Alegre, Felicíssimo M. de Azevedo<sup>23</sup>, que fez seus estudos primários com o professor Coruja, escreve no Anuário da Província do Rio Grande do Sul em 1885<sup>24</sup> que:

[...] nos primeiros dias do mês de janeiro de 1800 (8 de janeiro) apareceram, nas esquinas das ruas Formosa e da Graça, uns cartazes com o seguinte anúncio: *Antônio D’Ávila, recém-chegado a esse continente, participa ao público que vai abrir na rua da Ponte (hoje Rua Riachuelo<sup>25</sup>), perto da ponte, uma escola para ensinar a ler, escrever e contar, e doutrina cristã. As pesso-*





*as que quiserem se aproveitar do seu préstimo podem trazer os seus filhos para a dita escola. Parece que a escola do professor D'Ávila, codenominado 'Amansa-Burros', rapidamente conquistou a população da cidade, pois em pouco tempo alcançou o número de cinqüenta alunos. O professor também ministrava aulas de francês e latim para alunos do ensino secundário.<sup>26</sup> (apud SCHNEIDER, 1993, p. 16).*

Sobre a figura do professor, excessivamente rigoroso, Azevedo (1885) afirma que inspirava antipatia: “[...] semblante sempre carregado, seus olhos negros e encovados metiam medo às crianças só com sua presença, [...] gênio irascível, cruel mesmo, era temido como um tirano pelos alunos.” Apesar desse aspecto, seu depoimento destaca valores no professor Ávila:

Se a natureza lhe tivesse dado um gênio menos áspero e tivesse tido uma educação pautada nos princípios de equidade e brandura que são o característico dos melhores institutores modernos, seria o seu nome até hoje recordado com gratidão, porque foi Antônio D'Ávila um homem inteligente, trabalhador, metódico e de costumes morais austeros, – dotes estes que desapareciam para realçar somente o seu gênio irascível. (Apud SCHNEIDER, 1993, p. 16).

173

Quanto ao método de ensino, descreve-o detalhadamente, permitindo um precioso retrato do cotidiano da sala de aula vivida por Coruja:

A cada discípulo principiante e distribuído um pedaço de papel sobre o qual, em um quarto do papel, está grudado o abecedário escrito pelo professor. Da mesma forma, sobre pedaços de papelão são distribuídas aos meninos todas as cartas de nomes, sempre escritas com letra de mão. Depois de saberem toda a escala das cartas, passam a leitura da doutrina cristã. A doutrina cristã forma a base da instrução. Duas vezes por semana são examinados os meninos em todas as suas orações, sofrendo cruéis castigos, a maior parte imerecidos, porque as faltas dos examinados são filhas do terror que inspira o professor aos alunos. Da doutrina cristã passam a ler, em cadernos escritos pelo professor, trechos do Velho e do Novo testamento, sobre cujos artigos prelecionava com perícia pouco comum o senhor Antonio D'Ávila. Depois desta leitura se exercita o discípulo na leitura de sentença dos tribunais judiciários, a fim de guiar e acostumar o



espírito dócil da infância a obediência cega às ordens de El-Rei Nosso Senhor. Só depois de recebida toda esta instrução é que se fornece ao aluno a cartilha do Padre Inácio.<sup>27</sup> Recebido esse ambicionado presente, que anuncia ao menino a aproximação do termo do seu martírio, entra o coitado em nova luta intelectual que tem de lhe custar muitas dúzias de bolos. Para logo, ele desconhece a letra de imprensa, o que não admite o tirano professor. Acostumado a ouvir a leitura corrente do discípulo, não pode sofrer pacientemente a dificuldade que ele encontra nos novos caracteres que é preciso conhecer a fundo para poder ler corretamente. Três vezes por semana dão-se os meninos ao exercício da escrita, principiando por fazer riscos perpendiculares, copiados de traslados. Daí passam a escrever com as letras do abecedário a lápis para serem depois cobertos com tinta, e por fim escreveram máximas morais. Cada discípulo ao acabar a sua escrita levanta-se da escrivaninha e, depois de a apresentar ao professor sem ter coragem de levantar os olhos, toma o lugar que lhe compete no bando de estudo e de lá espera como um condenado a leitura da sentença. Terminada a apresentação das escritas, são elas minuciosamente examinadas pelo professor, que à proporção que as vê, segundo boa ou má prova, vai passando-as para um ou outro lado da mesa escrevendo na parte superior de grande parte delas os algarismos 2, 4, 6, ou 8 (sempre números pares) e assim por diante. As escritas têm cada uma a assinatura do aluno respectivo. Terminado o seu exame cada menino é chamado por sua vez à mesa do professor, que silenciosamente lhe mostra, apontando, o algarismo lançado no alto da escrita. O menino, sem fazer a menor reflexão e com os olhos suplicantes, vai apresentando a mão para receber o castigo: nem mais, nem menos um bolo do que o número que foi escrito. A sentença é irrevogável. Só é perdoada essa condenação em vista de um perdão apresentado pelo paciente. Este perdão é obtido pelo aluno, raras vezes, ou por distinção no argumento ou por algum presente de doces ou frutas com que algumas mães mais perspicazes adoçam os rigores do desalmado professor. Ao ser apresentado o presente pelo menino, o professor desanuvia o semblante e com um sorriso amável diz: 'Diga a sua mãe que lhe fico muito obrigado pela lembrança.' O menino faz uma pequena reverência e encara o professor de quem (dá a entender) espera uma recompensa: este, olhando-o benevolente, pega uma tira de papel, escreve nela simplesmente a palavra 'perdão' pondo abaixo dela a rubrica Ávila, e a entrega ao menino que, cumprimentado com pequenos acenos de cabeça por



todos os colegas, toma o seu lugar no respectivo banco. (*apud* SCHNEIDER, 1993, p. 17).

Sobre o cotidiano da escola do professor “Amansa”, que seguia o método jesuítico, Felicíssimo de Azevedo (1885) continua a sua descrição informando o horário de funcionamento (das 8 às 11 horas da manhã), a rotina diária com a seqüência de atividades de ensino, a divisão interna da sala de aula, a disciplina, o uso da palmatória:

A aula abre-se pontualmente às 7 horas e meia, mas só às 8 horas entra o professor. Com a sua chegada todos os discípulos se levantam e soa pela sala a saudação cantada: ‘Bons dias’, depois de tomar assento em sua poltrona, com a gravidade de um soberano, faz o professor um sinal significativo e todos se assentam. Principia então o estudo da leitura, que é cantado, deleitando-se o professor com este exercício um tanto musical, que muitas vezes serve para dar a conhecer uma aptidão que mais tarde tem de ser aproveitada pelo mesmo professor, que é muito entendido em música. A aula é dividida em quatro decúrias tendo cada uma um chefe um dos discípulos mais adiantados para ensinarem os principiantes, havendo ainda um decurião-mor que tem a autoridade absoluta sobre toda a aula e que substitui o professor em qualquer emergência. Este pequeno régulo, por sua vez, no desempenho de sua honrosa tarefa arma ao pobre companheiro, com quem tem alguma conta a ajustar, um capítulo de faltas que não cometeu e que lhe custa um castigo de uma dúzia de bolos. O processo aqui é sumário. Ouvida a acusação, sem a menor defesa ou audiência do acusado, é ele sentenciado ou antes condenado. A contabilidade encerra-se nas quatro operações aritméticas, regra de três e uma conta de juros. A gramática só é explicada aos discípulos de latim. Ordinariamente as quartas e sábados há argumento de tabuada. Umaz vezes, quando o professor está de bom humor, como para divertir-se, manda que os meninos se arguam mutuamente, tomando o interrogante a palmatória com a qual à guisa de mestre aplica ao seu contendor um bolo por cada ponto. Outras vezes coloca ele um menino (que raramente tem mais de oito anos) sobre um tamborete, pondo-se o mestre de pé para interrogá-lo. Só este aparato deixa a pobre criança em tal excitação que nada sabe responder, resultando de tão bárbaro sistema de argumentar tabuada sair o menino da escola às vezes com as



mãos inchadas sendo preciso lavá-las com salmoura para evitar inflamação. (*apud* SCHNEIDER, 1993, p. 17).

Felicíssimo de Azevedo faz referência à participação dos alunos da escola do professor Ávila em eventos da Igreja Madre de Deus, que interrompiam as atividades escolares sempre que tocava o sino, mas também serviam para mostrar a integração da escola com a comunidade:

Freqüentes vezes no meio da algazarra musical do estudo chega aos ouvidos do professor o som de uma badalada da sineta da Matriz, que, ainda em construção, tem dois pequenos sinos suspensos sobre quatro esteios de onde com seus toques festivos ou lúgubres chama os fiéis à casa de Deus. Ao som da sineta segue-se o grito do professor: – Silêncio! E fazendo-se este imediatamente, ouve-se facilmente a segunda, terceira, quarta e quinta badaladas. Então o professor levanta-se, vai ao seu aposento, que é na mesma casa, voltando vestido com casaca de lita preta, calções da mesma fazenda e sapatos de fivela, com espadim à cintura. Os meninos, que conhecem o estilo de aula, levantam-se todos, ao aparecer o professor, como que esperando a voz de marcha. Finalmente saem da boca do professor as palavras: – Vamos acompanhar Nosso Pai. O decurião-mor toma a cruz, de que já falei, e põe-se à testa do préstito, que formado a dois de fundo com as cabeças descobertas, põe-se em movimento na direção da igreja, indo na retaguarda o professor com um dos decuriões de cada lado. Chegados à igreja fazem a sua entrada na mesma ordem em que vão, indo ajoelhar-se no centro de modo a ficarem os da frente quase junto ao altar, porque a igreja estando ainda em construção, são os ofícios divinos celebrados na vasta sacristia que lhes fica contígua. Acabada a oração, dispersam-se os meninos pegando cada um uma tocha; e, formando alas, põe-se na rua a procissão em caminho da casa do enfermo que reclama os últimos confortos de nossa santa religião, indo sempre precedendo a procissão simbólica da escola. Ao terminar a procissão do Viático volta o préstito à escola onde o professor aplica algumas palmatoadas àqueles que durante o trajeto não se comportaram com a gravidade e respeito devidos ao ato. Aos sábados, guardadas as mesmas formalidades que acabamos de descrever, põe-se a aula em movimento, com a sua cruz à frente, para ouvir a missa que é rezada logo que se apresenta na igreja o professor com os seus discípulos. (*apud* SCHNEIDER, 1993, p. 18).



Coruja também faz menção a esses eventos em suas memórias, mas sem os detalhar:

Quando a Matriz toca o sino para ir o Viático a algum enfermo, mandava os discípulos acompanhar, os quais iam cantando o *Bendito* de cruz alçada, formando alas diante da irmandade. Seguiam para a Matriz atravessando a chácara dos terrenos então abertos do juiz da alfândega, depois Visconde de São Leopoldo; pois era a escola na rua da Ponte entre o beco do Fanha e a rua Clara. (CORUJA, 1996, p. 15).

No capítulo V – “As alcunhas de Porto Alegre e outras Alcinhas” –, publicado no *Anuário do Rio Grande do Sul* (1887), Coruja cita as escolas existentes em Porto Alegre no período:

Além da escola do *Amansa-Burros* ou simplesmente *Amansa*, tínhamos a do *Tico-Tico* ou escola do Paraíso (Antônio Paraíso Mariano<sup>28</sup>), o desejo de Ciências de que foi professor Tomas Inácio da Silveira, e a escola dos *Marimbondos*, de Jose Maria da Silveira. (CORUJA, 1996, p. 109).

Complementando essa informação, no capítulo VI – “As ruas de Porto Alegre” –, publicado no *Anuário do Rio Grande do Sul* (1888), encontra-se a localização dessas escolas quando recorda a “Rua da Ponte”:

Esta rua é uma das mais antigas e mais extensas, pois segue desde a praça do arsenal, atravessando duas praças, ate o ponto histórico Portão. [...] Entre o Beco do Fanha e a Rua Clara era a escola do *Amansa* com frente ao sul: mais adiante em frente oposta a escola do Paraíso (Antonio Paraíso Mariano) a que também chamavam escola do Tico-Tico. [...] Quase em frente ao Beco do Fanha havia e ainda há com frente ao norte uma casa um pouco alta com muitas janelas [...]. Esta casa conservou-se muitos anos com uns quadrinhos de madeira nas janelas admirados pelos discípulos do *Amansa* que ignoravam para que aquilo era; ate que apareceu um estrangeiro de nome Felix Gafûry que lhe pôs vidros. (CORUJA, 1996, p. 125).

[...]

Assim como em algumas povoações se chama a Rua Direita à mais torta delas, assim se chamou por antítese Rua Clara a mais escura das ruas, pois se prestava a boas quedas na pedreira que



havia na esquina da rua da Ponte, e que interceptava o caminho dos meninos do lado do Arsenal, que queriam ir à escola do Paraíso que era na rua da Ponte, com fundos para a da Matriz. (CORUJA, 1996, p. 14).

Sobre as aulas do Padre Thomé Luis de Souza, professor régio, Coruja faz uma afetiva homenagem na crônica – *A aula de latim do padre Tomé (1885)* –, em que descreve a sua personalidade e seu prestígio na sociedade porto-alegrense, com intensa emoção, como expressa no (\*), em rodapé de página, – “ao escrever estas linhas também sinto que meus olhos [...]”

O padre Tomé era homem tão modesto em suas palavras e ações, que sendo cônego e comendador da Ordem de Cristo, nos atestados por ele escritos e assinados, contentava-se em escrever simplesmente Tomé Luiz de Souza, Presbítero do hábito de São Pedro, e nada mais, nem mesmo um *et coetera*. Nunca de sua boca saiu anedota a respeito de alguém; e quando alguma coisa tinha de acrescentar ao dito de outrem, levava à cabeça o dedo polegar dizendo – *a até* [...] etc. Suas virtudes eram tão reconhecidas e respeitadas por seus prelados que, no espaço de 22 anos, que tantos vão de 1836, em que morreu Soledade, até 1858 de seu falecimento, nem o bispo Dom Manoel, conde de Irajá, nem o bispo Dom Feliciano se lembraram de pôr em concurso a igreja Nossa Senhora Madre de Deus que ele paroquiava como encomendado: em seu enterro, o clero, as irmandades e o povo, todos lacrimosos\*, disputavam o direito de o conduzir a mão até o cemitério extramuros; e até eu lá estivesse, teria sido também um dos disputantes, e até na assembleia provincial houve uma voz que apregooou ter ele morrido em cheiro de santidade! (CORUJA, 1996, p. 83).

Coruja continua suas lembranças informando que o padre Tomé nasceu por volta de 1770, em Santa Catarina, de uma das primeiras famílias da Colônia do Sacramento ali refugiadas pela invasão dos espanhóis em 1762. Morreu em 14 de dezembro de 1858, com 88 anos. Sua aula régia de Latim abriu em 1800, tendo lecionado até 1830. Sobre quem foram seus alunos registra o bispo Dom Feliciano, doutor Américo Cabral de Melo, Visconde de Rio Grande (doutor José de Araújo Ribeiro – 1800-1879), padre Francisco de Paula Batista e José Custódio (avô materno do senhor José



Gonçalves Duarte). Com o desejo de destacar os do seu tempo como aluno, cita: conselheiro Cândido Batista; desembargador Paranhos Veloso; doutores Cândido Alves Pereira, Serafim dos Anjos França, João Capistrano, João Rodrigues Fagundes, Inácio Joaquim de Paiva, Rafael de Araújo Ribeiro e Francisco de Sá Brito; Vigários José Inácio, Hildebrando e José Antônio Dutra; padres Francisco de Paula Macedo e Francisco Aurélio Martins Pinheiro; e quase todos os praticantes da Contadoria de Fazenda ali mandados pelos escrivãos da Junta Tomaz José Soares de Avelar e João Maria Jacobina. (CORUJA, 1996, p. 85).

A aula de latim do padre Tomé, Coruja descreve meticulosamente as três sessões em que estava dividida. Sobre a primeira sessão, “preparatória”, diz:

[...] era de manhã atrás da casa da Junta (por abreviatura *atrás da Junta*); e de tarde nas escadas de José Feliciano<sup>29</sup>, à sombra das paredes. Nesta sessão uns estudavam, outros combinavam as lições, outros colavam, outros falavam da vida alheia e da própria, outros finalmente jogavam na tarimba dos soldados o jogo (galeado) das pedras, ou atiravam pedradas lomba abaixo para os lados de João Batista Rabecão ou lateralmente para o valo do quintal do palácio do governo; isto quando a sessão era atrás da Junta e com consentimento dos soldados paulistas, entre os quais havia um a quem tratavam de *Senhor de Deus* por ser esta a maneira por que ele os cumprimentava. As tardes nas escadas de José Feliciano era isto mesmo, menos o jogo galeado das pedras; as pedradas porém tinham outra direção; ou iam para os lados da Praça, ou também lomba abaixo para os discípulos do *Amansa* que iam lá *fora* nos carrapichos e macegas fronteiras à escola por não haver então muro que impedisse<sup>30</sup>, havendo um atalho de ziguezague em sentido diagonal da Rua da Ponte para a Praça ou vice-versa, por onde subiam e desciam os discípulos do *Amansa* quando iam à igreja. (CORUJA, 1996, p. 85).

Coruja prossegue com a descrição da segunda sessão – “a disciplinar:”

Um quarto de hora antes da designada para as lições, o padre mestre abria a porta da sala; e esta era de toda a simplicidade, contendo só o essencialmente necessário: bancos de encosto, cadeira junto à parede entre as duas janelas, para assento do



padre mestre, e defronte desta uma pequena mesa com gaveta em que se guardavam as seletas e o tinteiro; e nas paredes até certo tempo cinco grandes mapas geográficos pendentes, a saber: o mapa-múndi e as quatro partes do mundo (\* nesse tempo ainda não se falava em Oceania). Eu disse *até certo tempo*, porque aí um indiscreto vendo no mapa da Ásia em grandes caracteres o *Mar das Índias* em francês, teve a infeliz lembrança de aumentar-lhe uma garatujas, assim uma espécie de *d a da*; pelo que o padre mestre os recolheu todos, ficando desde então as paredes *despidas* (não digo *mas*, porque o Conservatório Dramático do rio de Janeiro embirrou com essa palavra). Aberta a porta da sala de aula, começavam a entrar os estudantes ou sós ou em grupos de dois, três, ou mais. Assim como nas prisões da justiça, há um *juiz da prisão* por acordo ou convenção, havia também ali um *Cabo-regente*, lugar plenamente preenchido por Marcos Alves Pereira Salgado, que não consentia barulho nem controvérsias. Às vezes fazia exercícios militares, por exemplo: – *Tudo de joelhos*; e todos se ajoelhavam; *Dedo para o ar*; e todos levantavam o dedo; *Levantar*; e todos se levantavam; *Assentar*; e todos se assentavam; *Estudar*; e todos estudavam ou fingiam estudar; e ai daquele que não obedecesse à voz; uma varinha de marmeleiro ou junco o fazia obedecer. Enfim o nome do Cabo-Regente era tão conhecido e usado, que um dos filhos de José Gomes Jardim, ainda calouro, em umas desculpas que teve de dar ao padre mestre, invocou o testemunho de *Siô Cabo-Regente* (risadas). (CORUJA, 1996, p. 86).

A terceira sessão – “a aula de latim” – propriamente dita, é assim apresentada por Coruja:

[...] lições de cor, argumentos denominativos e linguagens, nas quais primava o tal *Carrão* com o seu *fuere* ou *fuere* (única coisa que sabia responder), lições de tradução, argumentos de atrasados, temas duas vezes por semana, e de seis em seis meses algumas palmatoadas em número ímpar de 1, 3, 5. Finda as lições, iam uns para casa, outros a lavar-se no riacho, outros às pitangas (no tempo delas) às ruas da Figueira e da Varzinha, antes de serem ruas, outros finalmente a comprar e comer tremoços na venda do *Manoel Biribiri* em frente ao lugar onde é hoje a ponte. (CORUJA, 1996, p. 88).

Sobre o seu desempenho e aproveitamento nas aulas de latim, Coruja deixa o seguinte depoimento: “este menino tinha tão feliz memória, que de-





vorou a *artinha*<sup>31</sup> em três meses, que tantos vão de 12 de fevereiro a 11 de maio em que lhe meteram na mão o Eutrópio.” (CORUJA, 1996, p. 89).

É interessante destacar o registro que Coruja faz, em suas reminiscências das aulas de latim, do uso de apelidos para os alunos, pelo qual cada um era reconhecido – “todos tinham alcunha<sup>32</sup>”, e o próprio cabo-regente não estava isento, de modo que só se ouvia “Gambá” para aqui, “Lagartixa” para ali, “Caixinha” para acolá, “Ratão me ensina esse ponto?” Querendo deixar para a posteridade as alcunhas com seu respectivo dono, as lista em ordem alfabética<sup>33</sup>, com o cuidado de preservar-se faz uma observação em francês – *honni soit qui mal y pense* –, traduzida por ele: “que ninguém leve a mal o que escrevo, pois não há nisto pensamento oculto.” (CORUJA, 1996, p. 86). Nesta listagem de alcunhas, inclui algumas notas muito ilustrativas do cotidiano de sala de aula:

*Carão*, Serafim Pereira de Carvalho – ‘deste estudante’, que no fim de um ano da *artinha* de Antonio Pereira só sabia que ‘eles foram’ se traduzia *fuere*nt ou *fuere*, há o seguinte episódio: Tinha um estudante de traduzir o trecho seguinte – *et in domum Charomis devenerunt* –, e o fez do seguinte modo: *et devenerunt e chegaram, in domum a casa, Charomis do Carão* (em voz mais alta e apontando para ele) ao que este logo gritou: Ponha-se quieto Siô Próspero. Coitado! Lá foi morrer em 1826 submergindo nas profundezas do mar.

[...]

*Pato*, Lourenço Bandeira, filho de Dona Clara – Quando Lourencinho entrava na aula logo uma voz que gritava: *De quis-quis, quidquid*, ablativo do singular? Ao que todos respondiam com voz gutural-chiante: A quoquo, quoquo, quoquo. E ele era gaiato também ajudava a responder. (CORUJA, 1996, p. 88).

Sobre a aula de Filosofia Racional e Moral, do padre João de Santa Bárbara, Coruja dedica a crônica intitulada “Uma lição prévia de filosofia”, em que informa que começou suas lições em 1821, na rua da Praia em frente ao beco do João Coelho, casa de propriedade do capitão Manoel José de Leão, mudando-se depois para a rua da Ponte, e mais tarde para a rua da Igreja, entre as ruas de Bragança e Rosário. A seguir, faz um significativo registro de um episódio vivido:



Nesta casa, às nove horas da manhã, estavam os estudantes na sala, vem ele de dentro, cumprimenta e é cumprimentado; assenta-se. A esse tempo o sino grande da matriz dobra a defunto; pergunta ele: – Morreu alguém? O estudante Humberto responde: – Sim Senhor, morreu F., e acrescenta: – ‘Como ficarão aqueles pobres filhos?’ O padre-mestre, depois de refletir um pouco, estabelece entre os discípulos o seguinte diálogo: – ‘O senhor tem pai vivo?’ – ‘Não senhor.’ – ‘O senhor tem pai vivo?’ – ‘Não senhor.’ – ‘O senhor tem pai vivo?’ – ‘Não senhor.’ – ‘O senhor tem pai vivo?’ – ‘Não senhor.’ (Todos eram órfãos de pai). Continua perguntando: – ‘Algum dos senhores se troca por F., F. e F., que tendo pais vivos passam o dia a laçar cabritos no Alto da Caridade?’ Todos a uma responderam: – ‘Não senhor.’ ‘Portanto’, concluiu ele, não é grande mal não ter pai vivo. Vamos à lição. (CORUJA, 1996, p. 59-60).

182 Em outra passagem de suas crônicas-memórias, Coruja recorda as “duas terríveis letras iniciais maiúsculas P.R, cuja significação ninguém conhece, mas que em outro tempo era por demais sabida de cor e salteada por ‘qualquer menino’ de escola.” Complementa a recordação, explicando ao leitor seu significado: “P.R. queria dizer Príncipe regente, que os áulicos de palácios mandavam pôr nas portas de seus desafetos, escritas a pincel em grandes caracteres de cor vermelhão ou de barro; e indicavam que o inquilino devia mudar de domicílio em 24 horas.” (CORUJA, 1996, p. 55).

## Finalizando

Com suas crônicas memórias, Coruja busca partilhar o passado com suas narrativas de vida na cidade e na escola. Ao compartilhar um itinerário de vida procura dar sentido à busca de si, de suas raízes de um passado distante que se faz presente. O desejo de informar sobre a cidade de Porto Alegre, distante de si no tempo e no espaço, objetiva socializar saberes e representações construídas, emoções contidas.

Em suas crônicas recorda seus professores, eventos de sala de aula, localização dos estabelecimentos de ensino e colegas ou conterrâneos. Trazem informações preciosas sobre a vida quotidiana, os saberes e as práticas pedagógicas, os sofrimentos e as alegrias vividas, as rotinas escolares,



as atividades curriculares, os exames, as emulações e castigos. A pergunta que nos deixa é: por que nenhuma recordação do seu tempo como professor, função que exerceu de 1827 a 1836, em Porto Alegre. Será que pretendia dar continuidade as suas crônicas memórias, mas a morte o impediu? Ou essas recordações não teriam o mesmo significado como o processo de formação enquanto aluno e jovem?

Os professores marcam indelevelmente as lembranças dos alunos. Essas evocações não são neutras, mas sempre permeadas de nostalgia, de afeto e de elogios, e, às vezes, de imagens caricatas dos mestres. Tison (2004, p. 196) afirma que a “escola é lugar de aprendizagens da vida, lugar de confrontações e, às vezes, de conflitos, microcosmo que reproduz a sociedade dos adultos em todos os seus aspectos, como espaço de maturação intelectual”. A importância da infância e da instituição escolar na construção social da memória e o interesse histórico de ver traços de tempos passados mostram que as memórias de vida ou as escritas autobiográficas<sup>34</sup> são testemunhos preciosos da “cultura escolar” de um tempo e espaço, significativos para a construção da história da escola e da educação.

## Notas

- 1 Texto originalmente apresentado com o título *Antigulhas do Professor Coruja*. Memórias de aluno. In: CONGRESO INTERNACIONAL HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 8., 2005, Alcalá. Universidade de Alcalá/Espanha. (Alcalá, 3 a 8 julho de 2005).
- 2 Sobre a História, literatura e história da educação, ver Decca&Lemaire (2000); Dosse (2001); Pesavento (2003); Zilbermann. (2004).
- 3 Exemplar é o “Conto de Escola” de Machado de Assis (1884). Outro exemplo seria a obra coletiva com contos de escola – *Histórias dos tempos de escola*. (FALCÃO et al, 2002).
- 4 Em jornais diários e revistas encontram-se várias crônicas sobre escola, professor, sala de aula, assim como charges.
- 5 O romance que toma a escola como objeto, e a escola que tem um lugar no romance. Sobre romances e escola no século XIX, ver: Tison (2004).
- 6 Klein (2004, p. 24) assinala que as várias biografias do professor Coruja indicam que seus autores extraíram informações de uma fonte comum, não havendo muitas variações entre elas. Considera a mais completa a de Walter Spalding (1973). Outras biografias são de: Porto Alegre (1994), Franco (1983, 1996); Rodrigues (1899); Machado (1956).
- 7 Achylles Porto Alegre publica a crônica “O Coruja e o Villa-Nova”, em que apresenta Joaquim Coruja como um sujeito que não levava a sério o seu dever de mestre, qualificando como um “cabra

escovado". Em 1847, teve 15 alunos em sua aula de primeiras letras. Era responsável, em 1849, por uma escola de primeiras letras no 2º Distrito da Capital, freqüentada por 150 alunos, tendo sido aprovados somente 11.

- 8 Catarina Lopes foi nomeada professora pública da cidade de Rio Grande em 29 de agosto de 1834. No Rio de Janeiro fez concurso para a cadeira de primeiras letras para meninas, da Freguesia de São José, em 15 de novembro de 1837, tendo aprovação plena. Somente em 1843, por carta imperial, foi nomeada proprietária dessa cadeira. Aposentou-se em 1874, tendo falecido nos primeiros anos de 1880. (Porto, 1944).
- 9 Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (?-1837): poetisa, escritora, professora e primeira e única mulher jornalista na década de 1830 no Rio Grande do Sul. Criou uma escola mista, situada na rua Santa Catarina (Dr. Flores), em que ensina latim, geografia e filosofia. ( Flores, 1989).
- 10 Ver a crônica de Lessa (2002) "O espantador da burrice".
- 11 Nome da Igreja Matriz antes da Catedral Metropolitana de Porto Alegre.
- 12 Em 15 de outubro de 1807, é transformada em *aula régia* a aula particular de Latim, fundada pelo padre Thomé Luiz de Souza em 1800, em Porto Alegre. Latinista e filólogo emérito exerceu o magistério até 1831.
- 13 O padre João de Santa Bárbara (1786-1868) concursa-se na cadeira de Filosofia Racional e Moral em 23 de novembro de 1820, sendo aprovado. Em 5 de fevereiro de 1821 instala a aula pública na Igreja Nossa Senhora da Madre de Deus, com proventos anuais de 300\$000 réis. Também fundou, em 1º de junho de 1831 (1821?), a primeira aula pública para estudo de Matemática, Geometria e Rudimentos gerais de Engenharia em Porto Alegre. Consta como simpaticizante da "maçonaria revelada," sendo de sua autoria a seguinte afirmação: "nenhuma verdade resplandece mais do que aquela que dá a Maçonaria o seu lugar, como a maior benfeitora da humanidade. Onde há uma dor, ela consola; onde há uma lágrima, ela enxuga; onde há um órfão, ela ampara; onde há um ignorante, ela ensina; onde há um criminoso, ela aconselha; onde há um virtuoso, ela dele se apropria; onde há um bem a praticar, ela o pratica. É digna do divino filho de Maria." Fonte: [www.vetorialnet.com.br/~arleo/maconariarevelada.htm](http://www.vetorialnet.com.br/~arleo/maconariarevelada.htm)
- 14 Paracleto: pessoas que defende ou protege alguém, mentor. (HOUAISS, 2002).
- 15 Sobre o método monitorial ou mútuo, ver BASTOS; FARIA F. (1999)
- 16 Sobre a maçonaria no Rio Grande do Sul, ver COLUSSI. (1998)
- 17 Instituição fundada em 5 de abril de 1829, no Rio de Janeiro, sob o nome de *Sociedade Jovial e Instrutiva*, com a finalidade de manter um asilo de órfãos. (BASTOS, 2002).
- 18 Esse livro teve uma edição em Londres. (1856).
- 19 Lessa (2002, p. 64, 70) faz referência ainda a um "curioso catecismo histórico-geográfico, publicado em 1886 pelo *Anuário* de Graciano Azambuja". Na introdução do Catecismo, Coruja informa o leitor "Acostumado há muitos anos a ensinar meninos e a escrever-lhes compêndios de leitura, lembrei-me de organizar um novo e pequeno catecismo histórico-geográfico riograndense, que servirá também para muita gente grande. Vai pelo método socrático, isto é, por perguntas e respostas."
- 20 Madraço: que ou aquele que não se empenha em suas atividades, que é dado ao ócio; mandrião, preguiçoso, vadio. (HOUAISS, 2002).



- 21 O dia de São José é 19 de março. Também considerado dia da escola.
- 22 Suetto: feriado escolar, interrupção do trabalho para descansar, costume, tradição. (HOUAISS, 2002).
- 23 Felicíssimo Manoel de Azevedo (1823-1905) fez curso de Cirurgia Dentária no Rio de Janeiro (1880). Foi vereador (1887-1889), administrador da cidade de Porto Alegre (1889), redator do periódico *Federação*, presidente do primeiro Clube Republicano de Porto Alegre, cronista do passado da cidade. (MARTINS, 1978).
- 24 Kraemer Neto (1969) e Schneider (1993) reproduzem na íntegra esse artigo de Felicíssimo de Azevedo, intitulado "A primeira escola de Porto Alegre." Schneider dá como referência o periódico Revista Província de São Pedro, n. 16, 1951.
- 25 Porto Alegre (1994) e Felicíssimo de Azevedo (1925) referem-se à rua da Ponte como sendo a rua Riachuelo, mas Klein (2004) afirma ser a rua Coronel Fernando Machado. Coruja (1996) confirma, em sua crônica sobre as ruas de Porto Alegre (1888), que a rua da Ponte "sempre se chamou e se chamará Rua da Ponte; e tem hoje a placa de *Rua do Riachuelo* para comemorar o heróico feito da esquadra brasileira, nas águas do Paraná, no memorável dia 11 de junho de 1865."
- 26 Sobre as aulas de francês e latim, Felicíssimo de Azevedo (1885) faz o seguinte relato: "Aqui a sua natureza se transforma. À saída do último discípulo da escola primária, às 11 horas da manhã, aparece o professor no quarto, que já descrevemos, dando aos alunos uns – Bons dias, senhores; feito o que toma o lugar na cabeceira da mesa, ficando os discípulos assentados no banco em frente à mesma." É chamado cada um por vez. Depois da lição da artinha (de cor) faz ele diversas perguntas de gramática que o discípulo vai respondendo entre temor e a esperança de acertar. O professor principia mansamente a sua explicação procurando fazer-se bem compreendido; mas se o discípulo, baldo de inteligência fácil, não compreender logo a explicação dada, começa o professor sem demora a inflamar-se gritando loucamente e acabando as mais das vezes pela aplicação de alguns bolos. Amansa-burros além do francês, em que não era forte, conhecia bem a língua latina estando bastante familiarizado com os clássicos. Traduzia mimosamente os poetas latinos, como Virgílio, Horácio, Ovídio etc. Teve o prazer de apresentar excelentes discípulos em latimidade que traduziam facilmente os melhores livros clássicos. O seu curso de latim era feito em cinco anos." (SCHNEIDER, 1993, p. 16).
- 27 A cartilha de Padre Inácio é de autoria do Padre Inácio Martins, primeiro noviço português admitido na Companhia de Jesus, em 1547. Doutor em Teologia pela Universidade de Évora. Faleceu em Coimbra, em 1598. A cartilha destinava-se ao ensino de latim. A cartilha constava de algumas adições à *Doutrina Cristã* (Lisboa, 1561), do padre Marcos Jorge, também Jesuíta. Cascudo (1977, p. 163), na locução "tempo do padre Inácio", nos informa que "o padre Inácio Martins foi professor do 4º curso de filosofia do Colégio das Artes, depois que sua direção foi entregue à Companhia de Jesus. Era o instrutor da infância pelas infiltrações da sua *Cartilha*, adotada obrigatoriamente em todas as escolas, e propagador, de *facto*, das doutrinas da Companhia. Saía à rua de penção alçado e campainha, ensinando às crianças da plebe o catecismo e pregando. Subia aos palcos, onde se representavam comédias e autos, expulsava os atores, benzia-se, peroava e proclamava a doutrina. O que perpetuou o seu nome não foram os seus atos de fanatismo audacioso, mas a tradição cômica de sua *Cartilha*. Ainda hoje se diz para caracterizar a ignorância de qualquer pessoa, que *aprendeu pela Cartilha do Padre Inácio*."
- 28 Coruja (1996, p. 14) diz que "Antonio Paraíso Mariano tinha uma escola de dia, porque de noite ia representar no teatro o *Manoel Mendes*, o *Dr. Sovina* e o *Esganarelo*, para o que tinha boa

queda." Antonio Paraíso Mariano: professor, conhecido pela alcunha de "Tico-tico" e que no ano de 1800 abre sua escola na capital.

- 29 O palácio a que se refere o autor é conhecido como Solar dos Câmaras, à rua Duque de Caxias, construído por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo e primeiro presidente da Província. (FRANCO, 1996).
- 30 Aqui, Coruja coloca um asterisco muito importante – "Destas não se lembrou senhor Felicíssimo". Será que se referia a descrição publicada por Felicíssimo de Azevedo, sobre a escola do professor Antônio D'Ávila, que omite esse fato?
- 31 Artinha: manual ou conjunto de noções elementares de determinada matéria didática.; texto didático para aprendizado das noções teóricas de música. (HOUAISS, 2002).
- 32 Alcinha: denominação ou qualificativo, por vezes depreciativo, que se usa em lugar do nome próprio de alguém ou em acréscimo deste. (HOUAISS, 2002).
- 33 Coruja cita 48 alcunhas, sendo que a grande maioria refere-se a nomes de bichos. Essa lista é muito significativa para perceber a memória do autor, quase 70 anos após os eventos relatados, e para o estudo de figuras da sociedade porto-alegrense.
- 34 Sobre educação, história, escrita autobiográfica, ver: Mignot; Bastos; Cunha (2000).

## Referências

- 186 AZAMBUJA, Graciano. **Anuário do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1886.
- ASSIS, José Maria Machado de. **Conto de escola**. São Paulo: Cosac& Naif, 2002.
- AZEVEDO, Felicíssimo Manoel de. A primeira escola de Porto Alegre. In: SCHNEIDER, Regina Portella. (Org.). **A instrução pública no Rio Grande do Sul**. (1770-1889). Porto Alegre: Editora da Universidade/EST Edições, 1993. p. 16-18.
- BASTOS, Maria Helena Camara; FARIA Filho, Luciano Mendes de. (Org.). **A escola elementar no século XIX**: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: EdUPF, 1999.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro patria laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Conto de Escola. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 213-214, set. 2003.
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. Olhai o que o tempo não levou. A literatura de Érico Veríssimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira. (Org.) **O tempo e o vento – 50 anos**. Santa Maria/RS: UFSM; Bauru/SP: EDUSC, 2000. p. 181-197.
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Org.). **Destinos das letras**. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo/RS: EDUPF, 2002.



CASCUDO, Luis da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Campanha do Folclore Nacional, 1977.

COLUSSI, Eliane Lúcia. **Maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: EDUPF, 1998.

CORUJA, Antonio Álvares Pereira Coruja (1881-1890). **Antigualhas**. Reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

CUNHA, Maria Teresa Santos; BASTOS, Maria Helena Camara. Letras em festa. In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Org.). **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUCRJ/Loyola, 2001. p. 201-210.

DECCA, Edgar Salvadori; LEMAIRE, Ria. (Org.). **Pelas margens**. Outros caminhos da História e da Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

DOSSE, François. **A História à prova do tempo**. Da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: UNESP, 2001. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.

FALCÃO, Adriana; KIEFER, Charles; CARRASCOZA, João Anzanello; SIQUEIRA, José Rubens; KUPSTAS, Márcia; SANTARRITA, Marcos; RHEDA, Regina; VIANA, Viviana de Assis; CARRASCO, Walcyr. (Org.). **Histórias dos tempos de escola**. Memória e aprendizado. São Paulo: Novalexandria, 2002.

FLORES, Hilda Hübner. **Sociedade**. Preconceitos e Conquistas. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

FLORES, Hilda Hübner. **Dicionário de mulheres**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FRANCO, Sérgio da Costa. Introdução. In: CORUJA, Antonio Álvares Pereira Coruja (1881-1890). **Antigualhas**. Reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996. p. 7-10.

GOULEMONT, Jean Marie. **As práticas literárias ou a publicidade do privado**. Tradução Hildegard Feist. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1986. (História da Vida Privada, III).

HOUAISS, Antonio. (Dir.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KLEIN, Ana Inêz. **Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise de "antigualhas: reminiscências de Porto Alegre"**, de Antonio Álvares Pereira Coruja à luz de reflexões atuais sobre a relação. 1997. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras de cristal:** um estudo sobre a memória e a história através das crônicas "antigualhas: reminiscências de Porto Alegre". 2004. 200 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRAEMER NETO. **Nos tempos da velha escola.** Porto Alegre: Sulina, 1969.

KUHN, Fabio. **Breve história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2002.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Crônicas do passado presente.** Porto Alegre: Nova Prata, 2002.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org.). **Refúgios do eu.** Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação,** Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-46, set. 2003.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História popular de Porto Alegre.** Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1994.

188

PORTO, Aurélio. A. A. Pereira Coruja. **Lanterna verde.** Boletim da Sociedade Felipe D' Oliveira, n. 8. Rio de Janeiro: Gráfica Mauá, 1944. p. 55-67.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul.** (1770-1889). Porto Alegre: Editora da Universidade/EST Edições, 1993.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Infância, higiene e educação. In: ARAÚJO, José Carlos; MARCÍLIO, Maria Luiza. (Org.). **Educação e trabalho:** dimensões formativas da infância. São Paulo: Autores Associados/UFU/Humanitas, 2006. (no prelo)

TAMBARA, Elomar. **Bosquejo de um ostensor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil.** Pelotas/RS: Seiva, 2003.

TISON, Guillemette. **Le roman à l'école au XIXe siècle.** Paris: Belin, 2004.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl. **Programa de ensino da escola secundária brasileira.** (1850-1951). Curitiba: Ed. Do Autor, 1998.

ZILBERMANN, Regina. Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira. **Revista História da Educação,** Pelotas, v. 8, n. 15, p. 73-88, abr. 2004.





Maria Helena Camara Bastos  
Professora do Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul e pesquisadora do CNPq  
E-mail | mhbastos@pucrs.br

Recebido 27 dez. 2005

Aceito 3 fev. 2006